

REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Centro de Educação Física e Desportos (CEFD)
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

EXECUÇÃO

Higino Falchetto Junior

SUPERVISÃO GERAL

Prof. Dr. Antônio Carlos Moraes

COLABORADORES

Profissionais da EEFM Fioravante Caliman, pais e alunos da turma 7ºM02 de 2025.

PRODUÇÃO E ARTE

Higino Falchetto Junior e Agatha Pecini

FOTOGRAFIAS E IMAGENS

Fotos realizadas durante as intervenções pedagógicas do professor pesquisador devidamente autorizadas pelos pais, profissionais e responsáveis dos/as estudantes.

Vitória – ES
2025

Ficha Catalográfica!

Programa de Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F178p Falchetto Junior, Higino, 1976-
Planejamento comunitário: práticas corporais e as relações étnicas na comunidade escolar. / Higino Falchetto Junior. - 2025.
36 f. : il.

Orientador: Antônio Carlos Moraes.

Produto Técnico-Tecnológico (Desenvolvimento de Material didático e instrucional) (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Educação Física. 2. Planejamento. 3. Relações étnicas. 4. Comunidade e escola. I. Moraes, Antônio Carlos. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

FALCHETTO JUNIOR, Higino. IDENTIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS ÉTNICAS E/OU INTERÉTNICAS PRESENTES NA COMUNIDADE ESCOLAR DE UMA ESCOLA DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE: apontamentos para a intervenção da educação física. Orientador: Dr. Antônio Carlos Moraes. 2025. 169 páginas. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) – CEFD/UFES, Vitória/ES, 2025.

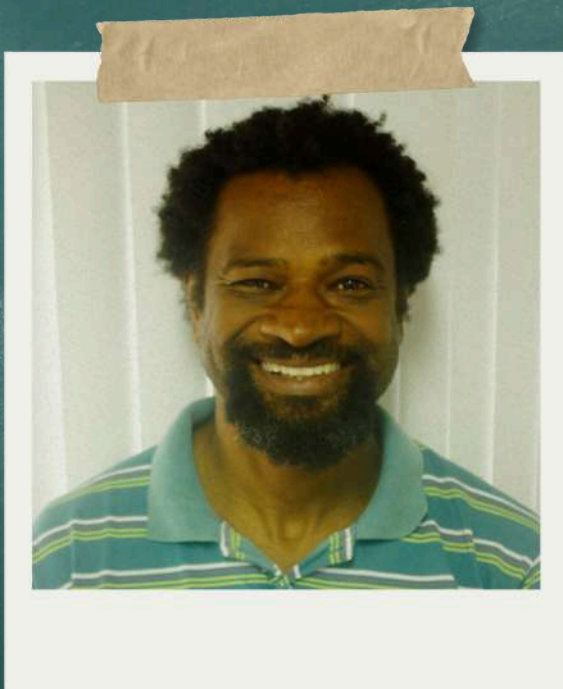
HIGINO FALCHETTO JUNIOR

Graduado em Educação Física, Licenciatura Plena, pela Ufes (1999). Pós-graduação em Fisiologia do Esforço pela Ufes (2004). Graduado em Letras Italiano pela Ufes (2024). Professor efetivo da Escola de Ensino Fundamental e Médio Fioravante Caliman, do município de Venda Nova do Imigrante da rede estadual de ensino – SEDU/ES.



ANTÔNIO CARLOS MORAES

Pró-Reitor de Políticas de Assistência Estudantil da UFES (2024/2028), Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo, lotado no Centro de Educação Física e Desportos. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (1985), Mestrado em Educação pelo PPGE/CE da Universidade Federal do Espírito Santo e Doutorado em Educação Física pela UGF (2002).



SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. Apresentação | 6 |
| 2. Construção da Legislação Étnico-racial no Brasil..... | 9 |
| 3. Obstáculos para implementação das leis | 10 |
| 4. Uma dupla perfeita: Escola e Comunidade Escolar..... | 11 |
| 5. O respeito ao direito de ser diferente..... | 12 |
| 6. Educação Física: Corpo-território e corpo sujeito histórico..... | 13 |
| 7. Planejamento e protagonismo cultural..... | 14 |
| 8. Grupos focais e as contribuições para as aulas de EF..... | 16 |
| 9. Práticas corporais e suas representações étnicas..... | 17 |
| 10. O universo das práticas corporais da comunidade..... | 18 |
| 11. Obstáculos para a realização das práticas corporais..... | 19 |
| 12. Sentir-se pertencente!..... | 20 |
| 13. Percepções dos alunos sobre as práticas corporais..... | 21 |
| 14. Percepções dos professores sobre as práticas corporais..... | 22 |
| 15. Planejamento Comunitário: justificativa..... | 23 |
| 16. Plano de Ação..... | 27 |
| 17. Unidade didática I..... | 29 |
| 18. Unidade didática II..... | 31 |
| 19. Unidade didática III..... | 33 |
| 20. Considerações Finais..... | 35 |
| Referências..... | 36 |

APRESENTAÇÃO

À NOSSA COMUNIDADE ESCOLAR: alunos, profissionais da escola, pais, mães, gestão escolar e membro do Conselho de Escola.

Este material didático é produto de minha pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) durante o período de 2023 a 2025, ofertado pelo Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). O tema da dissertação foi “Identificação das práticas corporais étnicas e/ou interétnicas presentes na comunidade escolar de uma escola de Venda Nova do Imigrante: apontamentos para a intervenção da educação física”. Além da dissertação, este caderno didático tem por objetivo central dar auxílio às escolas e aos professores de Educação Física Escolar elaborarem um planejamento comunitário que leve em consideração o conhecimento da comunidade escolar e da cultura local com o intuito de gerar pertencimento e construir identidades aproximando escola e comunidade pautado nos valores étnico-raciais.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de tempo integral do município de Venda Nova do Imigrante/ES. Optamos por uma pesquisa de caráter qualitativa e foi utilizada a pesquisa intervenção e o grupo focal. Num primeiro momento, os sujeitos envolvidos foram os alunos do 6º ano V02 (2024) do Ensino Fundamental II, os pais, os professores e gestão escolar ao responderam sobre um questionário diagnóstico. Num segundo momento, formamos 3 grupos focais: um grupo de alunos da turma do 6º ano de 2024, que foram para o 7º ano M02 (2025); um grupo de professores da turma e da escola envolvidos com o tema e um grupo de mães dos alunos envolvidos, funcionários da escola e membros do Conselho de Escola.

Utilizamos dados obtidos do Questionário Étnico-racial aplicado na escola e os resultados da aplicação de um questionário diagnóstico a fim de introduzir a temática nas discussões realizadas nos 3 grupos focais: alunos, pais e professores. O objetivo geral da pesquisa foi conhecer a população escolar da escola na qual eu atuo como professor, para entender melhor suas relações socioculturais e seu cotidiano no sentido de despertar relações de pertencimento, diante das identidades levando em consideração os valores étnico-culturais.

O interesse pelo tema da pesquisa nasceu a partir de minha experiência enquanto ex-aluno e atual professor de Educação Física da escola, quando percebi o distanciamento entre a comunidade escolar e as ações realizadas dentro da escola. Cresci ouvindo a importância do trabalho voluntário na comunidade e vi isso se concretizar dentro dos muros da escola. Lá eram realizadas festas e eventos culturais e esportivos importantes para o melhoramento da escola e a resolução dos problemas comunitários. Esse sentimento cresceu dentro de mim com exemplos práticos e me fiz sentir parte da escola. O sentimento de pertencimento e a identidade que antes eram tão presentes não possui o mesmo peso e significado como agora.

Essa experiência e lembrando esses fatos, penso na relação escola comunidade e as suas produções de conhecimentos que nos fazem parte integrante de uma instituição de ensino que também está inserida dentro de um contexto social específico. Uma escola referência para comunidade quando se fala de produções culturais e eventos esportivos. Tais produções que perpassam as relações étnicas culturais, abordam as relações raciais e na perspectiva de novas construções de sujeitos e identidades que advém da interação entre os imigrantes italianos e os negros que integram a população do município. A aquisição e o conhecimento de cultura permitem desenvolver atitudes de respeito, sentimento de pertencimento e identidades.

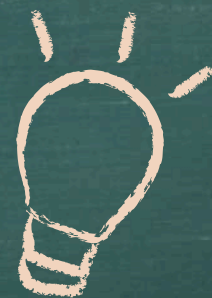
Entretanto, pelo fato da cultura italiana ser muito difundida e forte na comunidade, especialmente pelo fato de ser palco da Festa da Polenta, outras culturas e etnias acabaram por ser sufocadas como aconteceu com os povos indígenas e os negros.

Por isso, escola é um espaço onde se permite que professores, alunos e comunidade expressem suas culturas. Um espaço de possibilidade de construir e valorizar as culturas historicamente esquecidas. Um local de contato entre culturas e que ao mesmo tempo constroem novas culturas. A escola é o local onde se pensa o corpo, corpo dotado de cultura, condição que faz a espécie se tornar humana.

É necessário aproximar a comunidade e a escola trazendo novamente para dentro dela os sujeitos como contribuintes para o conhecimento da EF escolar, conhecendo as práticas corporais que caracterizam as diferentes etnias para a formação multirracial e cultural da cidade, a possibilidade de criação de uma cultura própria e ações práticas para a escolarização dessas práticas corporais nas aulas de educação física e no ambiente escolar.

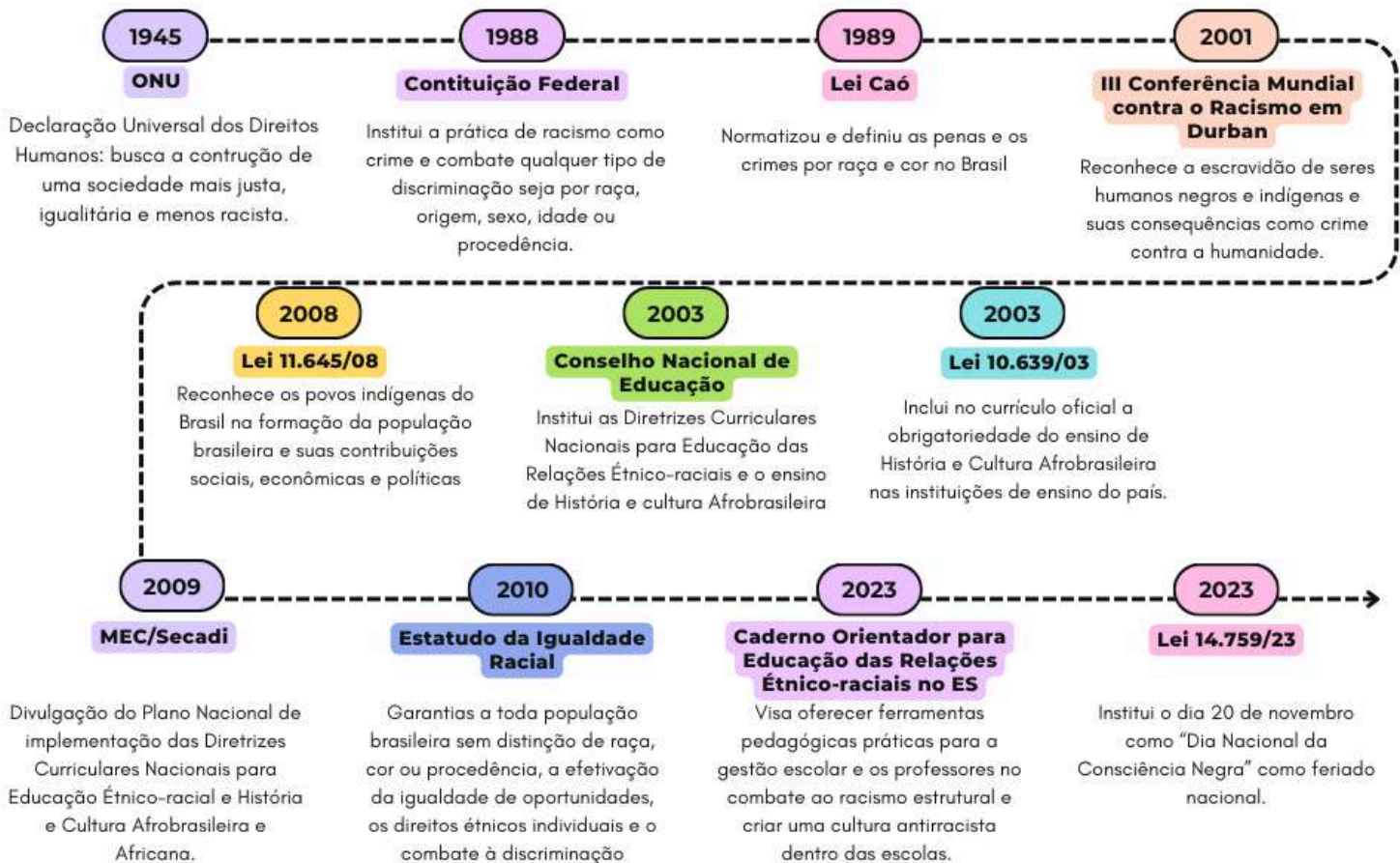
Da mesma forma que o corpo e cultura se fundem, se moldam mutuamente, o corpo e suas práticas e movimentos são carregados de significados e sentidos formados através da história.

Este caderno dará uma visão mais clara para as práticas realizadas dentro da escola e nas aulas de educação física com o objetivo de reavaliar e elaborar novos planejamentos e as ações para as relações étnico-raciais. Aqui, propomos uma forma de intermediação entre a comunidade escolar e as ações do professor enquanto um agente facilitador das interações sociais nas aulas de educação física e na escola. Acreditamos que este planejamento comunitário seja uma forma de contribuir com práticas exitosas em suas escolas, transformando a realidade local. Entendemos que este modelo não é rígido e deve levar em consideração a sua realidade local. Serve como elemento de reflexão e inspiração para novas práticas e ações voltadas para a área da Educação Física Escolar.

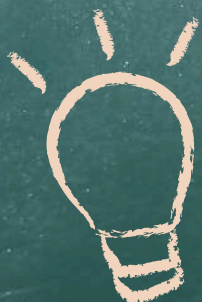


CONSTRUÇÃO DA LEGISLAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NO BRASIL

Linha do Tempo



O Estatuto da Igualdade Racial,



"[...] representou mais um passo no processo de implementação e institucionalização de um arcabouço jurídico voltado à construção de uma política nacional em defesa da superação de desigualdades raciais que tanto impactam negativamente o desempenho de milhares de estudantes, nas diferentes realidades escolares brasileiras" (Espírito Santo, 2023, p. 12).

OBSTÁCULOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DAS LEIS



A implementação efetiva dessas leis precisa do comprometimento das instituições de ensino na reformulação dos currículos, bem como a capacitação contínua dos professores para garantir abordagens pedagógicas que respeitem e valorizem a pluralidade étnico-racial do país. Não basta estabelecer conteúdos da história e da cultura do continente africano e americano se ao fazermos reduzimos o legado do povo africano e dos povos indígenas sob a ótica do colonizador europeu. A identidade afrobrasileira e dos povos indígenas estão ligadas à resistência contra o colonialismo e à luta por reconhecimento e pertencimento.

Em seu estudo, *Corpo-Território & Educação Decolonial*, Miranda (2020) indica alguns entraves para a implementação da Lei 10.639/03:

1 - A resistência de professores, diretores e famílias – há um certo racismo epistemológico contra os conhecimentos afrobrasileiros e africano por parte de alguns membros da escola para evitar a aplicação da lei;

2 - Falta de preparo da direção escolar – algumas direções não possuem competência para garantir a implementação da lei, o que gera conflitos entre a gestão e os professores;

3 - Formação inadequada dos docentes – a ausência de discussões sobre as relações étnico-raciais nos cursos de formação de professores limita a capacidade de educadores de aplicar a lei;

4 - Currículo escolar eurocêntrico – o ensino é fortemente pautado por conteúdos eurocêtricos, marginalizando epistemologias africanas e afro-brasileiras;

5 - Multiculturalismo assimilacionista – a abordagem adotada nas escolas reconhece a diversidade, mas não promove mudanças estruturais que rompam com a desigualdade racial;

6 - Falta de investimento governamental – a implementação da lei depende de políticas públicas mais robustas, que priorizem uma educação antirracista e valorizem a cultura afro-brasileira.

UMA DUPLA PERFEITA:

ESCOLA E COMUNIDADE ESCOLAR

A escola é lugar de construção de identidades e de responsabilidade social. A escola é local de relação de culturas, lugar dos alunos produzirem culturas, produzirem conhecimentos. Ela também é local das culturas porque proporciona o conhecimento das culturas produzidas pelo homem ao longo da história como parte dos conteúdos da educação. Ela é ainda local entre as culturas porque faz o elo entre outros lugares que também produzem cultura, pois as práticas sociais da comunidade se interrelacionam com as práticas escolares. Pensando nesse sentido, a escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de produzir e transmitir cultura, ao mesmo tempo que é local de todas as culturas. Segundo Vago (2009), ao pensar o humano como ser de cultura é pensar na experiência que se pode organizar e viver na escola em conjunto com crianças, adolescentes, jovens e adultos.

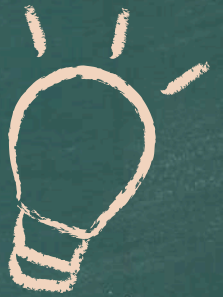
A escola, como espaço de formação cidadã, tem a responsabilidade de fomentar um ambiente inclusivo, livre de discriminação, e de proporcionar aos estudantes o conhecimento necessário para compreender e valorizar a diversidade cultural brasileira. O Estatuto da Igualdade Racial e os documentos orientadores do Ministério da Educação reforçam essa necessidade, evidenciando a importância de ações afirmativas e políticas públicas que garantam a igualdade de oportunidades.

Neste sentido, para uma ação desta envergadura se faz necessário um primeiro passo, que é o de promover o reconhecimento da igualdade sem limite e profundamente radical entre uma cultura africana e afrodescendente e uma branca, eurocêntrica, ocidental (Brasil, 2010. p 60).

Assim, a legislação educacional voltada para a temática étnico-racial não deve ser apenas uma imposição normativa, mas um instrumento de transformação social que contribua para o rompimento com o racismo estrutural. A construção de um espaço escolar repleto de repertórios vividos e vivenciados pela pluralidade de visões de mundo e não “[...] simplesmente a troca de uns heróis e divindades por outros” (Brasil, 2010. p 60). Dentro de uma educação que rompa com a colonialidade, a educação decolonial propõe reconhecer o corpo e seu espaço com um território de disputa política e cultural, no sentido de construir um corpo-território que valoriza as histórias e experiências de povos marginalizados, como defende Miranda (2020).

O RESPEITO AO DIREITO DE SER DIFERENTE

Respeitar e valorizar a diversidade cultural e étnica não significa concordar ou adotar os costumes, crenças ou valores de outras culturas, mas reconhecer a legitimidade dessas diferenças como parte da riqueza do nosso território que é plural. Em outras palavras, é possível não partilhar das mesmas tradições, religiões, práticas corporais de um grupo cultural ou étnico, e ainda assim valorizar e respeitar sua existência, sem tentar combatê-la ou inferiorizá-la. O respeito aqui é entendido como uma atitude ética diante da alteridade, ou seja, do outro em sua diferença. Pensar assim, em uma educação intercultural, que defende o diálogo entre culturas diferentes, sem imposição ou preocupação com julgamentos, no sentido de promover a convivência, a justiça, a inclusão e a democracia. A diversidade não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser acolhida e incorporada.



“Porque eles acabaram ficando numa sociedade que, infelizmente, impõe muito pra eles o que é o europeu. Então, eles acabam esquecendo. Mas muitos nossos alunos têm essa mistura” (Partic. 20).

“Porque são pessoas negras. Porque tem preconceito com a cor. [...] a capoeira tem uma história ligada à... Umbanda!” (Partic. 7).

“Então, por exemplo, eu no início da minha juventude eu era preconceituosa quanto a capoeira. Eu não achava que era uma coisa correta. Hoje a minha visão é outra. Como é a visão outra também dos meus filhos” (Partic. 13).

“Que a minha avó era escrava, minha avó era escrava, sofria, sofreu, todo esse processo vem... Essa herança ruim que a sociedade impôs ainda é carregada por esses descendentes e suas crianças, principalmente. E podem ser alvo de algum tipo de chacota, de brincadeira” (Partic. 16).

“É, o ritmo africano. Às vezes, a maioria de qualquer cultura africana, eles já falam de tambor, de samba, eles já falam que é..., principalmente o pessoal italiano. Eles confundem. É uma confusão, é um preconceito que é uma falta de conhecimento” (Partic. 28).ic. 7).

EDUCAÇÃO FÍSICA:

CORPO-TERRITÓRIO E CORPO SUJEITO HISTÓRICO

O conceito de corpo-território parte do princípio de que o corpo humano não é apenas organismo biológico, mas também um espaço simbólico, político e histórico, carregado de significados culturais e sociais. Essa noção está conectada à identidade afro-brasileira, às resistências contra colonialismo europeu e às lutas por reconhecimento e pertencimento. O corpo é um espaço de experiência e memórias, não está separado do ambiente, ele possui um território de vivências cheio de marcas de ancestralidade, da cultura e das relações sociais. Ele guarda a história da opressão, da resistência e afirmação identitária dos povos afro-brasileiros. O corpo se relaciona com espaço geográfico, ele é compreendido como um território que se move, que interage com o meio físico e social em qualquer lugar que estiver. Esta ideia rompe com a visão tradicional de território como algo fixo e delimitado.

Por isso, pensar o corpo-território que escreve (grafia) a sua bagagem cultural pelos espaços (geo) que circula é ampliar o ato de refletir sobre as ações que compõem o fluido mosaico das nossas vidas (bio), ou seja, o corpo-território é um texto narrativo orgânico e, sendo assim, rico em geobiografias (Miranda, 2020, p.42).

Na EFE, essa perspectiva nos leva a reavaliar as práticas pedagógicas que, ao longo da história, reproduziram e ainda reproduzem padrões eurocêntricos e colonizadores. A reconhecer o corpo como território de experiências e saberes ancestrais, a disciplina se torna um espaço de valorização das múltiplas identidades e histórias presentes na sala de aula. Significa incluir práticas corporais que objetivam a diversidade cultural dos estudantes, como danças afro-brasileiras, capoeira, maculelê e outros exemplos de expressões que conectam o corpo e seu território.

O corpo além de ser corpo-território, ele também é sujeito histórico, ele se expressa e se torna visível, palpável de acordo com a sua historicidade. O corpo tem a capacidade de aprender de acordo com cada sociedade específica e em diversas épocas e momentos e, ao passar do tempo, ele é um receptáculo de conhecimento e experiências que, com sua experiência acumulada ele também ensina e passa adiante (Silva, 2020).

PLANEJAMENTO E PROTAGONISMO CULTURAL

O planejamento é uma etapa e ao mesmo tempo uma ferramenta essencial na/da educação. O planejamento é a base para a construção de um ambiente aberto à aprendizagem, que leva os alunos, professores e gestores a terem claros os seus papéis, seus objetivos e estratégias a serem alcançadas. No texto de Silva e Moreira (2018), o planejamento é o processo de enxergar o futuro e de agir no presente para construí-lo, por meio da reflexão, da previsão, da racionalização e da organização intencional de indivíduos para finalidades específicas. Planejar coloca o chão, a segurança e traça o caminho para que, o trabalho do professor, dentro de sala de aula, tenha significado, pautado no projeto político pedagógico da escola. O planejamento permite que o professor estabeleça metas e objetivos específicos essenciais para direcionar sua práxis, fornecendo uma visão clara do que se espera alcançar ao final de um período de estudo/ensino.

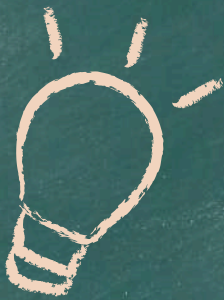
Os alunos podem assumir tarefas que auxiliem o bom funcionamento da escola, tornando-a acolhedora, agradável e agregando sua identidade ao planejamento. Eles podem cuidar da escola, assim como o coordenador ou professor o fazem, serem monitores na hora do recreio, auxiliarem seus colegas, montarem grupos de estudos, participar dos Conselhos de Classe, votar para representantes do Conselho de Escola, participar de reunião de pais, serem voluntários em projetos comunitários, organizar os jogos da escola, dentre outros. O projeto “Desfile da Beleza Negra”, é um exemplo de prática bem sucedida que envolvem alunos, professores, gestão escolar e a família na valorização da cultura e da ancestralidade afrobrasileira da comunidade negra da escola.

É parte do protagonismo escolar que os estudantes se sintam responsáveis pela escola, na condição de aluno especificamente, cuidem da escola, gostem dela, mantenham em boas condições, reivindicuem melhorias cabíveis, proponham alterações pertinentes etc. Estudantes não são visitantes, nem meros frequentadores da escola, mas sua razão de ser. Nada mais adequado e justo que se vejam como atores maiúsculos da comunidade escolar, na condição de aluno e dentro de seu desenvolvimento pessoal (Demo e Silva, 2020, p.5).

A atuação dos alunos da escola tem um caráter de proatividade e mobilização para as necessidades da escola e da comunidade local. Com o intuito de melhorar as condições de estudo, da infraestrutura da escola, de manter a tradição e a cultura, incluir novas culturas, os alunos se organizam, com o apoio da família, dos órgãos públicos e da escola para realizar festas, projetos, eventos e transformam as aulas de educação física num ambiente acolhedor e de pertencimento.

A atuação do estudante enquanto protagonista é condicionada à ação do professor, do diretor, dos pais e da comunidade. Eles que darão a palavra final de acordo com os contextos pedagógicos, cooperação, comportamento, interação positiva e proativa e bom senso. “[...] ele pode, entre tantas coisas, aprender ensinando [...], participar de reuniões e mesmo de decisões como estudante, fazer planejamento escolar, pesquisar, avaliar, cooperar” (Demo e Silva, 2020, p.5).

Nas palavras de Daolio (1995), a forma como caminhamos, os gestos, os cuidados estéticos, a higiene, a forma como jogamos, os costumes, a forma de se expressar, tudo é influenciado pela cultura, o corpo é a síntese da cultura [e de suas representações étnicas]. A partir deste pensamento, a Educação Física, é o tempo e lugar para se pensar o corpo na escola. Pensar e refletir sobre os corpos humanos na escola e seus protagonistas, crianças, adolescentes e adultos. Pensar um corpo, o fazer corporal, não reduzido ao seu aspecto biológico, mas cheio [de marcas] de cultura (Vago, 2009).



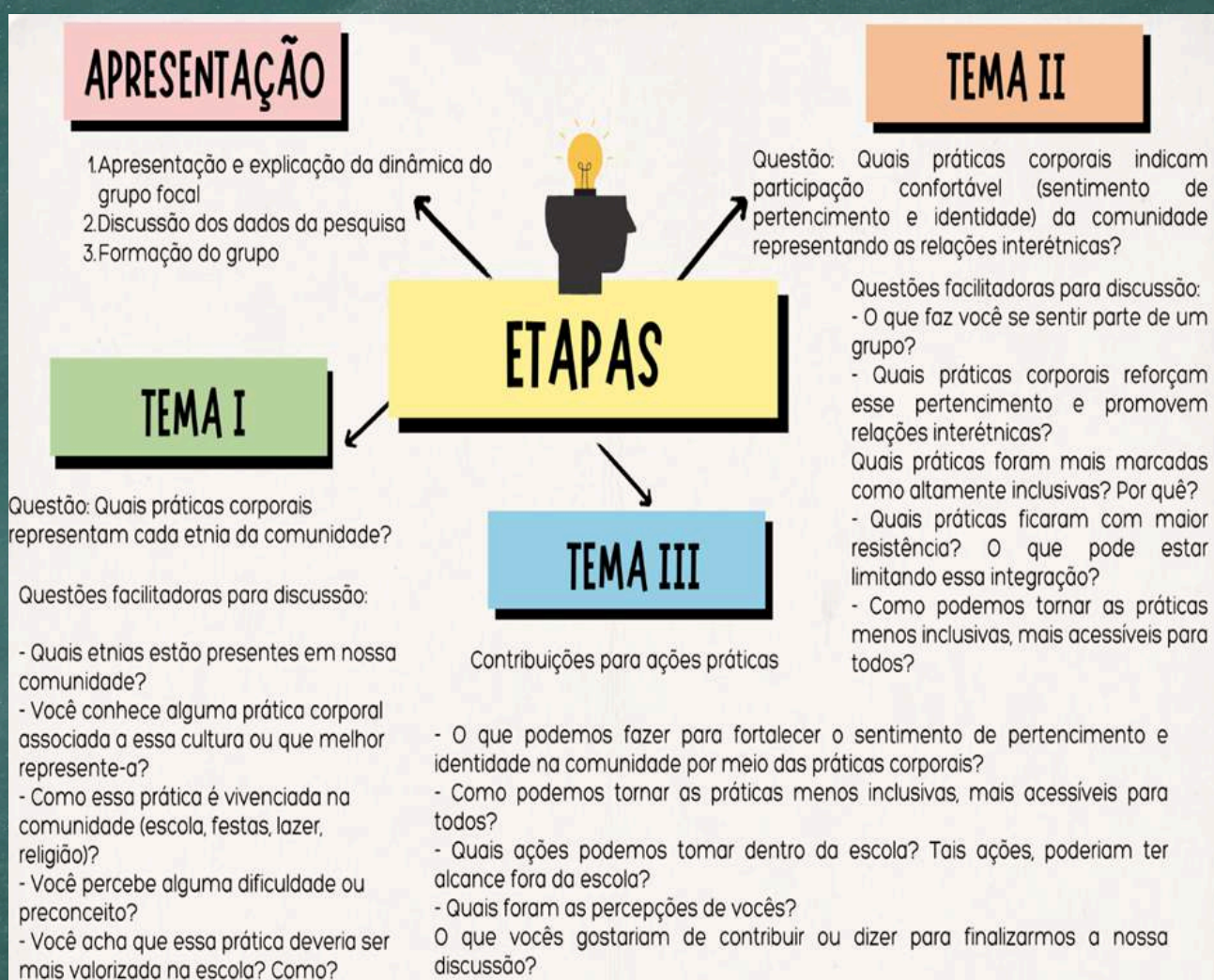
“[...] poderia fazer um jogo da etnia, e vai ter uma pessoa que não é italiana, aí nós fazemos um jogo que é da origem italiana, para explicar para as outras pessoas, para perguntar se elas gostaram dessa brincadeira, ou não, se elas se encaixam nessa brincadeira, mesmo não sendo italianas ou não” (Partic. 12).



GRUPOS FOCAIS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O PLANEJAMENTO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

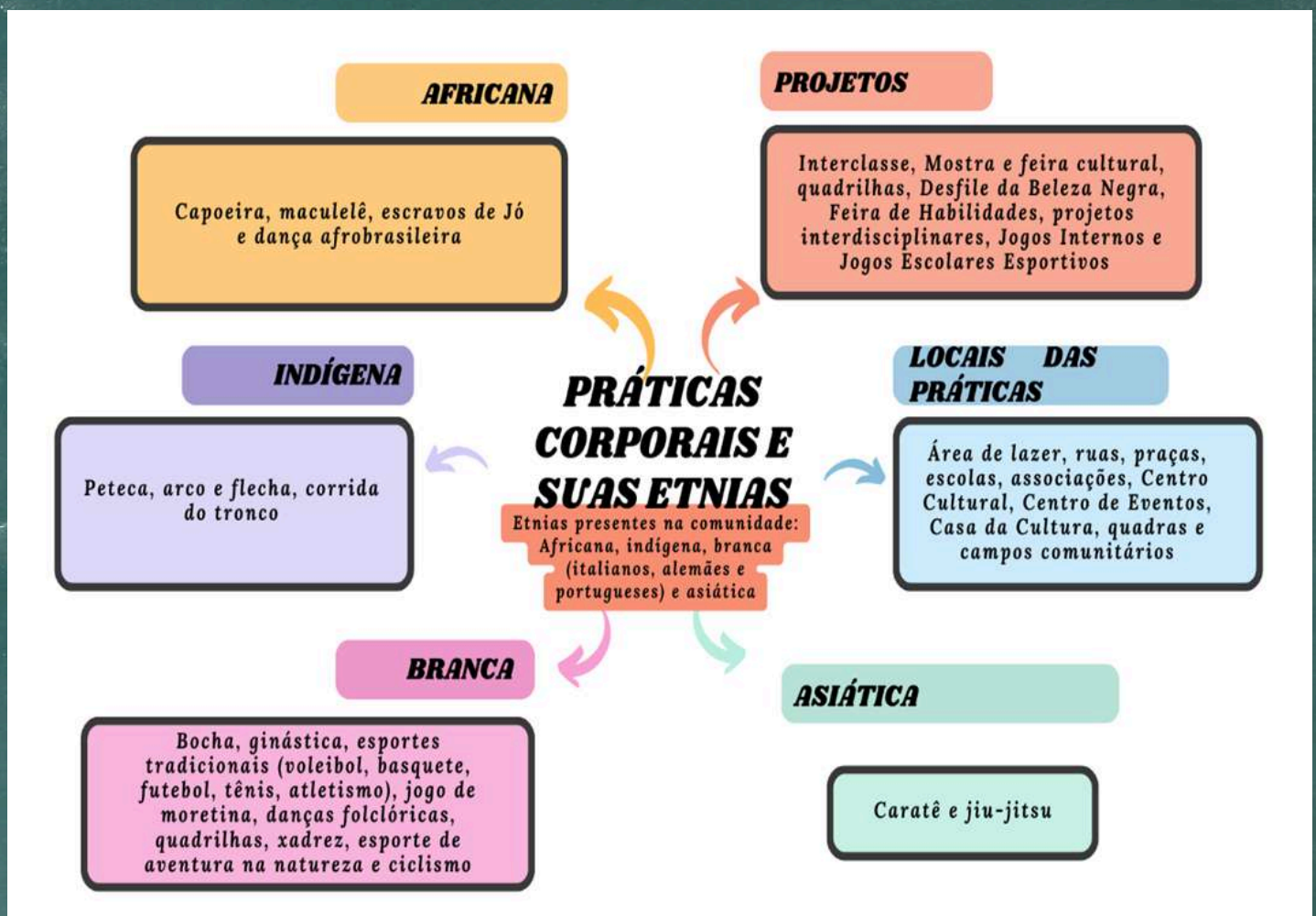
Utilizamos a técnica do Grupo Focal para análise dos dados encontrados, pois privilegia-se o processo interacional, ou seja, são redes de interações produzidas por uma condução mais flexível dos trabalhos os elementos básicos de um processo investigativo. É uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tema específico sugerido pelo professor. Esta técnica se localiza entre uma posição intermediária e a observação participante, para se compreender os processos de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Gondim, 2003).

Reunimos 3 grupos entre 5 e 12 participantes formados por: um grupo de alunos, um grupo de professores e funcionários da escola e um grupo de pais ou responsáveis. Utilizamos a seguinte dinâmica de discussão representado no esquema abaixo:



PRÁTICAS CORPORAIS E SUAS REPRESENTAÇÕES ÉTNICAS

Identificação das práticas corporais presentes na comunidade e sua relação com as diferentes etnias que constituem a população local. Os exemplos citados pelo grupo focal foram identificados pelos participantes como as práticas corporais mais conhecidas e difundidas na comunidade e na escola. Além disso, os participantes citaram os locais em que essas práticas são realizadas e os projetos que a escola desenvolve. São locais e espaços que apresentam potenciais para elaboração de projetos dentro da esfera pública seja pela Secretaria Municipal e Estadual de Educação, ou pelo setor de esportes e cultura.



O UNIVERSO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DA COMUNIDADE

O quadro resume as práticas corporais mais conhecidas pelos grupos e aquelas mais praticadas por eles, assim como as brincadeiras de infância. Essas práticas corporais citadas pelos grupos de pais, alunos e professores estão relacionadas às memórias dos tempos de infância, do período em que eram estudantes e de experiências vividas por eles.



Obstáculos para a realização das práticas corporais na comunidade e na escola.



“Nessa cidade não tem nada de... descendência, sei lá, negra. [...] Então, só foca mais italiano” (Partic. 12).

“E eu fiquei com a influência africana no Espírito Santo pra trabalhar com os meninos no Dançarte. Não consegui desenvolver trabalho nenhum. E mães ligando aqui pra escola, falando: meu filho, não vai fazer esse trem de macumba, não!” (Partic. 18).

“[...] Eu acho que essas práticas são suprimidas pelas práticas midiáticas. [...] A mídia, ela domina” (Partic. 18).

“Mas como essas práticas são iniciadas na escola, tirando as práticas que são comuns, assim, que é do imigrante italiano, que é a mora que está mais presente e o futebol. Essas outras práticas, elas só são realizadas em eventos específicos” (Partic. 20).

“[...] tenho várias mães, não deixam as meninas treinarem futsal com medo das meninas se tornarem lésbicas. Como tem várias ainda que acham que se o menino for pro vôlei, que ele vai se tornar homossexual. E por aí vai. Isso, assim, mãe, de ligar aqui pra escola, de proibir [...]” (Partic. 18).

Sentir-se Pertencente!

As contribuições dos diferentes participantes dos grupos focais dando exemplo de práticas corporais relacionando com contribuições e sugestões e tipos de abordagem dentro da escola.

Sentir pertencente

Incluir, colaborar, sentimento de união, escuta ativa, harmonia, diálogo, aceitação, poder opinar, ser acolhido, troca de ideias, identidade, apoio, respeito, sentir-se parte, ver e ser visto, se sentir útil, abertura para diversidade

Práticas inclusivas

Piques, ciclismo, queimada, quadrilhas, esportes (voleibol, futebol, basquete)

Práticas que deixam confortável

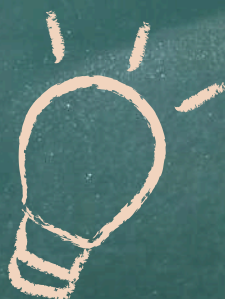
Caratê, capoeira, jogos e brincadeiras, trilhas, esportes (atletismo, voleibol, handebol, baquete), ciclismo, jogos e brincadeiras de infância, dança, ginástica, corrida, trilhas e caminhada

Relação de pertencimento com as práticas

Importante!

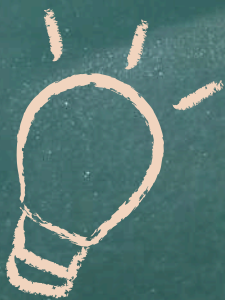
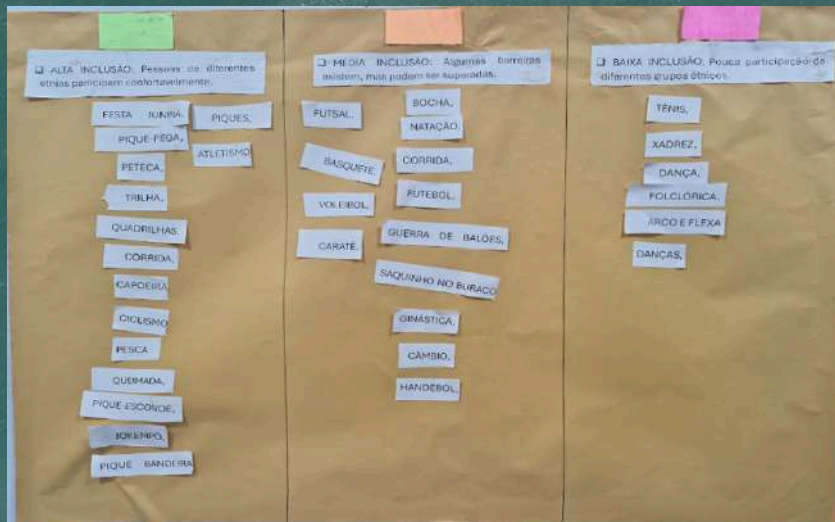
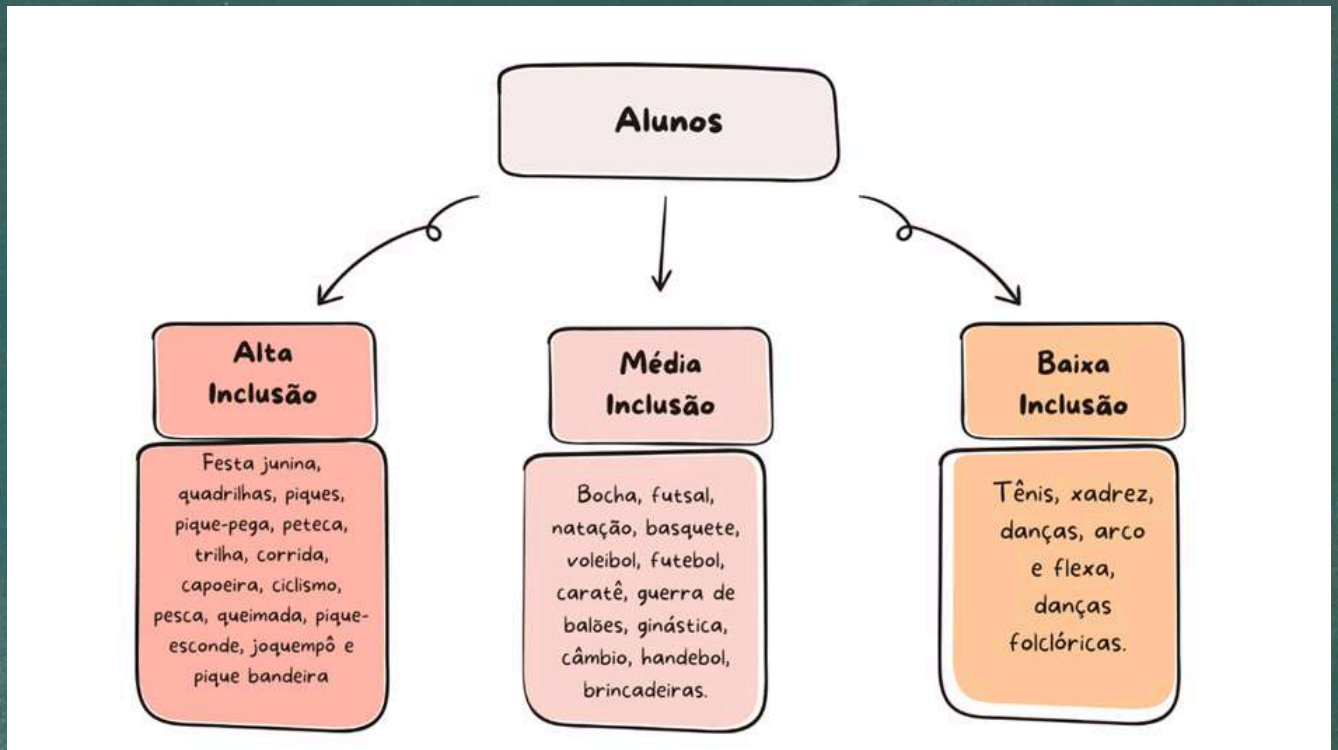
Sugestões práticas

Feria das etnias, palestras, oficinas e vivências, jogos das etnias, tema para eletivas, ofertar nas aulas de EF e no recreio, projetos interdisciplinares, Jogos internos, volta do projeto DançaArte, participação dos pais, gincanas e circuitos, colônia de recreação e campeonatos culturais.

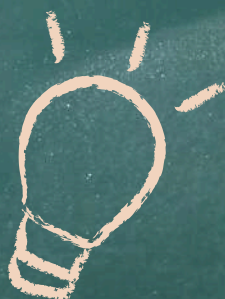
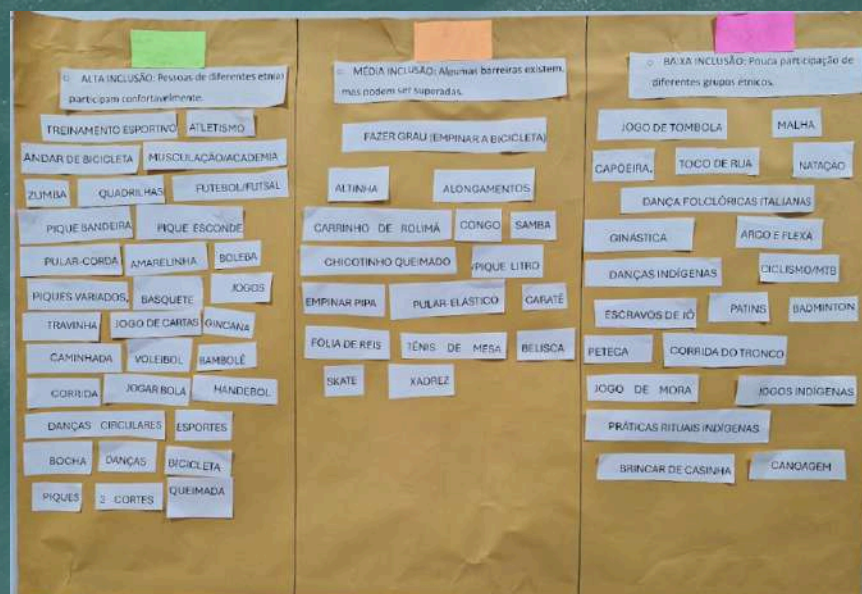
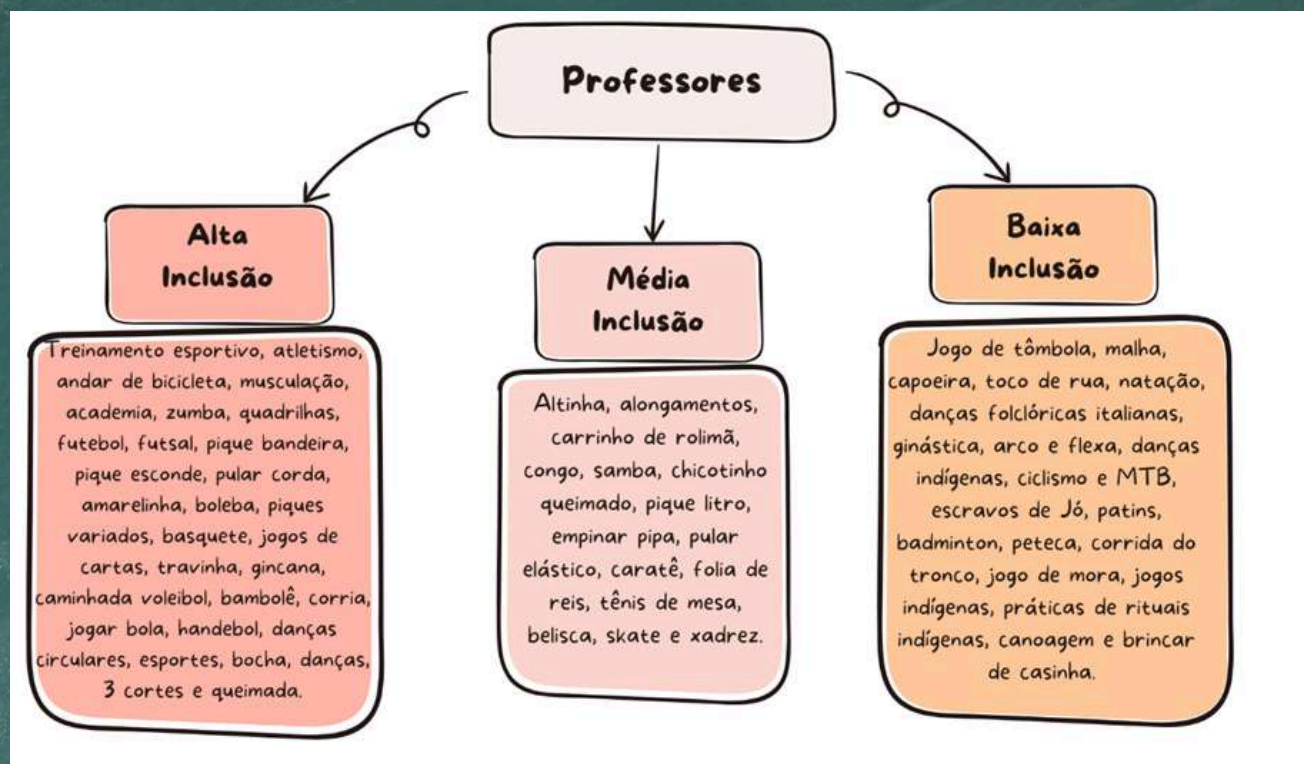


“Quando se fala ali dentro da escola e fora da escola, eu acho assim, dentro da escola, eu acho que a gente tem mais facilidade de estar inserindo, talvez, algumas práticas diferentes e apresentá-las para conhecimento. Aí, quando é fora da escola, eu já acho mais difícil a gente conseguir trazer isso. Eu acho que depende muito igual você falou, o poder público, essas coisas. Porque, geralmente, a gente não tem muita influência para trazer, talvez um certo esporte diferente, falando fora da escola” (Partic. 22)

Percepções dos alunos sobre as práticas corporais conhecidas.



Percepções dos professores sobre as práticas corporais conhecidas.



Planejamento Comunitário

Justificativa



As discussões apreendidas dos relatos dos grupos focais demonstram que a identificação étnico-cultural ainda é permeada por silenciamentos e desconhecimentos, especialmente quando se trata das populações negras e indígenas do município. Essa constatação dialoga com o que afirma Gomes (2002), ao destacar que o racismo nas escolas brasileiras se expressa, muitas vezes, por meio da negação das origens negras ou indígenas e da valorização do branco como padrão universal. No caso, o padrão de cultura na comunidade é expresso pela representação do imigrante italiano em VNI e o seu legado, deixando dentro da escola através dos jogos, eventos esportivos e festas culturais no período em que ainda era uma escola salesiana. Os esportes tradicionais de origem europeia são dotados de prestígio e trazem valores ditos universais.

A presença de outros povos como o negro e o indígena na comunidade escolar de VNI e a herança cultural que deixou foi trocada pela herança do imigrante italiano, absorvida e perpetuada ao longo do tempo até que o indígena e o negro caíssem no esquecimento.

As práticas corporais identificadas como representativas de determinadas etnias, como a capoeira para os africanos, o caratê para os asiáticos e a bocha para os italianos, revelam um esforço coletivo de atribuição de sentido às manifestações corporais vivenciadas na comunidade. Conforme Bracht (1999), as práticas corporais carregam significados sociais e identitários, sendo atravessadas por disputas simbólicas sobre pertencimento e legitimidade cultural.

Especialmente, quando olhamos para a história da constituição da escola e de seu território de destino, erguido com o trabalho do imigrante italiano, mas que esqueceu o suor do povo negro. A presença da identidade do imigrante branco europeu assegurada com a instituição da escola salesiana que, em seguida, deu prosseguimento às práticas corporais esportivizantes e de caráter biologicista presentes nas aulas de EF e nos eventos esportivos e culturais que nasceram dentro da própria escola.

Os relatos de preconceito, especialmente associados à capoeira e à dança, demonstram como as manifestações da cultura afro-brasileira e as expressões corporais tidas como 'femininas', ou "negão" são ainda alvos de estigmas. Isso reforça o modo como o racismo e o sexismo se articulam nas práticas escolares, afetando o modo como os corpos são percebidos, aceitos ou rejeitados, o corpo (con)formando o tipo ideal (Silva, 2022).

Continuando...

Uma percepção presente nos grupos focais e na pesquisa étnico-racial realizada dentro da escola, ainda está presente diversas formas de racismo, sejam explícitas ou veladas, disfarçadas pelo multiculturalismo assimilacionista presente na comunidade de VNI. Preconceito, racismo que aparecem nas escolhas das práticas corporais, nos planejamentos e valorização de certos conteúdos das aulas de EF e nas falas dos alunos, professores e pais.

As contribuições dos participantes sobre os modos de valorização das práticas corporais étnico-raciais – como aulas de capoeira, feiras culturais e eventos escolares – evidenciam a potência da escola como espaço de resistência e transformação. De acordo com Freire (1996), a educação deve ser um ato político de libertação e valorização da cultura dos oprimidos, é uma forma de intervenção no mundo que permite a construção de novas formas de expressão e pertencimento.

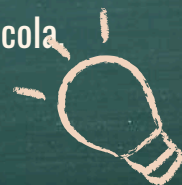
A partir das proposições a respeito das práticas corporais e o modo como elas são abordadas e priorizadas no cotidiano das aulas de educação física, levantamos alguns pontos importantes ao se pensar em elaborar um planejamento comunitário que dê sentido à identidade e ao pertencimento do público multirracial que a escola atende atualmente.

O primeiro ponto diz respeito ao reconhecimento étnico e o sentimento de pertencimento, que estão intimamente relacionados às invisibilidades e os silenciamentos dos sujeitos no cenário atual.

O segundo ponto aborda as práticas corporais como representações culturais e os espaços de identidade e tensão. Rossoni (2002), afirma que os encontros e confrontos entre culturas diferentes são a base da nossa formação sociocultural a partir de processos históricos de colonização, escravidão e imigração, com bases nas relações de convívio que vão muito além de acolhimento com uma educação intercultural de predominância europeia.

O terceiro ponto está nas barreiras sociais e culturais de determinadas práticas corporais que levam ao preconceito, a falta de conhecimento e a desigualdade no seu acesso.

Embora exista reconhecimento de uma diversidade de práticas corporais na comunidade escolar, o acesso a elas, sua valorização e sua permanência no cotidiano educacional, no chão da escola e nas aulas de educação física, ainda estão profundamente carregadas de preconceitos, estigmas, desigualdades e lacunas de conhecimento. Essas barreiras, muitas vezes naturalizadas, impedem que determinados grupos e práticas sejam legitimamente acolhidos na escola.



Continuando...

O quarto e último ponto diz respeito à escola como um espaço de transformação voltado para o reconhecimento, valorização e protagonismo dos estudantes. Apesar dos desafios e das tensões a escola é um espaço de transformação social e cultural.

Esse potencial se expressa nas sugestões criativas dos alunos, na sensibilidade dos professores e no desejo das mães em verem seus filhos envolvidos em experiências que fortaleçam o respeito, o pertencimento e a valorização da diversidade através das práticas corporais. Pensar o homem como um ser de cultura é pensar nas experiências que se pode organizar e viver no espaço escolar e da educação física em conjunto com crianças, jovens e adultos, se reinventando (Vago, 2009).

A participação da comunidade escolar, alunos, pais, professores e gestão escolar, é fundamental no processo de aproximar os sujeitos e gerar pertencimento e fortalecer as diferentes identidades. Ademais, é necessário reavaliar os planejamentos e seleção dos conteúdos que, de certa forma, privilegiam os esportes e subvalorizam as práticas corporais da cultura afrobrasileira e indígena. Dessa forma, abrimos espaço para o diálogo e as contribuições da comunidade para a elaboração, seleção de conteúdos, definição dos objetivos, metodologias ativas e abertura para protagonismo estudantil e familiar.

Uma forma de aliar ações do poder público e da administração escolar é por meio da produção de espaços pedagógicos e políticos de escuta e participação comunitária, como grupos de discussão interétnicos, feiras culturais com protagonismo estudantil e rodas de conversa com a presença de representantes das diferentes etnias da comunidade. Também se destaca a importância de um planejamento escolar comunitário para a EFE, que envolva alunos, professores, pais e membros da comunidade em decisões sobre o currículo. Um currículo que promova ações sistemáticas de diagnóstico, formação docente e acompanhamento das práticas escolares voltadas à diversidade. Esse instrumento pedagógico pode ser um instrumento coletivo de acompanhamento e diálogo entre escola, a Secretaria de Educação e as práticas pedagógicas do professor de educação física na sala de aula.

A partir desta ferramenta de intermediação entre escola e comunidade escolar, propomos dois momentos distintos:

1- Um plano de ação: instrumento guia para a atuação da escola composto de mapas de ação específicos por etapas e modalidade de ensino, com vistas à participação dos estudantes no planejamento das ações, formação da equipe pedagógica e docente e estratégias para mitigar as desigualdades de raça e gênero, a partir da proposta de Gestão Escolar para Equidade Racial. Para tanto é importante definir o desafio a ser enfrentado e os resultados a ser alcançado em cada ação, definir os responsáveis, o produto a ser entregue, o monitoramento da execução e o cronograma das ações. (Diretrizes Pedagógicas SEDU/2025).

2- Unidades didáticas étnico-raciais: Elaboração de 3 unidades didáticas divididas por três etnias distintas - branca, indígena e negra - como plano de curso para as aulas de EF, a serem aplicadas para os 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II.

Por fim!

Nas aulas de educação física, muitas vezes percebemos alunos que não se reconhecem como parte de sua etnia a não ser a branca ou a origem de práticas corporais de ancestralidade que vão além dos esportes mais conhecidos. Há um grande obstáculo a ser superado para que se valorize todos os corpos, histórias e práticas corporais.

As 3 unidades didáticas propostas aqui de forma a integrar os três grupos étnicos da comunidade escolar são uma caminho no sentido de provocar discussões e reflexões sobre as desigualdades nas quais as identidades negras e indígenas foram marginalizadas e silenciadas no planejamento e nas práticas corporais cotidianas das aulas de EFE.

As aulas de educação física precisam ser revistas e repensadas no sentido das práticas corporais que caminham para a construção de um corpo-território ancestralidade, que possibilite o sentimento de pertencimento que se torne espaço para uma identidade de seu povo e de sua história. Somos corpo e história, construtores de nossa própria história de nosso tempo e de nós mesmos (Silva, 2020). Nós somos corpo sujeito histórico que interage, se movimenta, sente, se expressa. Não somos espectadores que só vê e ouve, mas vive o mundo fisicamente, corre, dança, joga, brinca, formas de agir herdadas culturalmente, que se apropria de saberes corporais, reconhece valores culturais, fortalece sua identidade e sua capacidade de transformar a realidade.



Plano de Ação

| PLANO DE AÇÃO | | | | | | |
|--|---|---|--|---|---|--------------------|
| Diagnóstico | Meta | Objetivo | Ação | Monitoramento | Parceria | Período |
| Resultados da Pesquisa | Tornar público os resultados da pesquisa | Propiciar um momento de divulgação dos resultados da pesquisa para a escola | Palestra com alunos, professores, gestão e comunidade escolar | Interesse e participação dos convidados e convite para a comunidade escolar | Gestão escolar, setor pedagógico, professor de EF e membros da comunidade escolar | Abril |
| Relatos de preconceito e racismo entre os alunos | Diminuir os casos de preconceito e discriminação em 50% | Combater o racismo e qualquer tipo de preconceito durante as aulas de EF e no ambiente escolar | Aplicação de um novo questionário étnico racial e bate papo de conscientização ao final das aulas de EF. | Roda de conversas, relatos dos alunos com a coordenação e com o professor de EF e verificação dos resultados do questionário. | Gestão pedagógica, pais, professor de EF e alunos | Janeiro a novembro |
| Afastamento e falta de interesse pelas aulas de EF por conteúdos étnico raciais. | Aumentar a participação e o interesse dos alunos em 95% | Aumentar a participação e o envolvimento dos alunos nas práticas corporais que não seja somente os esportes | Aplicação e execução das unidades didáticas étnico-raciais nas aulas de EF | Relatos dos alunos, observação da participação e acompanhamento pedagógico. | Alunos, professor de EF e pedagogo | Janeiro a dezembro |
| Invisibilização da cultura afrobrasileira e indígenas | Criar grupos de prática de capoeira e peteca | Organizar grupos de práticas de capoeira e peteca nas aulas de EF e nome momentos de recreio | Alunos monitores ensinam a capoeira e o jogo de peteca nos momentos do recreio | Relatos dos alunos, observação da participação e acompanhamento do professor de EF | Alunos, professor de EF e coordenação de turno | Abril a dezembro |

Continuação

| Diagnóstico | Meta | Objetivo | Ação | Monitoramento | Parceria | Período |
|---|---|---|---|---|--|----------------------|
| Desvalorização da EFE | Diminuir ou cessar os conflitos entre as aulas de EFE, eventos da escola e outras demandas. | Organizar os horários de EF no pátio, sala e ginásio de modo que não haja conflitos, preservando o momento da aula | Elaborar um cronograma de utilização dos espaços para as aulas de EF e outras demandas da escola | Acompanhar as aulas de EF nos diferentes horários e espaços da escola | Coordenação de turno e professor de EF | Fevereiro a dezembro |
| Falta de conhecimentos da formação multirracial da comunidade e acesso às práticas corporais étnico raciais | Proporcionar que todos da turma conheçam a formação do povo local e suas práticas mais representativas na formação da identidade e do pertencimento | Conhecer as diferentes práticas corporais das diferentes etnias da comunidade e suas relações com a formação de uma comunidade multirracial | Aplicação e execução das unidades didáticas étnico-raciais e um relato de experiência da direção da escola nas aulas de EF. | Relatos escritos dos alunos e observação da participação das aulas | Diretora da escola e professor de EF | Fevereiro a dezembro |
| Valorização do espaço escolar como ambiente de transformação | Trazer a maioria dos pais da turma para os eventos da escola. | Proporcionar momentos e aproximação entre escola e família nos projetos dos alunos | Promover 2 eventos entre pais, alunos e escola: Encontro de Pais e Filhos e Desfile da Beleza Negra | Convite para os pais, acompanhamento da presença e retorno pelo Whatsapp. | Gestão escolar e professor de EF | Abril e novembro |

Unidade Didática I



UNIDADE DIDÁTICA I – ENSINO FUNDAMENTAL II

| | |
|--|--|
| TÍTULO: Práticas corporais da etnia branca | |
| Série: 6º e 7º anos | |
| Eixo temático: Mídia, cultura corporal e a comunidade escolar como espaços de transformação. | |
| Objetivo geral: Vivenciar e praticar os esportes e jogos tradicionais mais difundidos na comunidade escolar, reconhecer e enfrentar os obstáculos relacionados ao racismo, a influência da mídia e as questões de gênero para a construção da identidade local e o sentimento de pertencimento. | |
| Número de aulas: | 18 aulas de 50min. |
| Conteúdos específicos: | Futebol, voleibol, atletismo, jogos e brincadeiras de comunidade. |
| Materiais e recursos didáticos | Datashow, notebook, bolas de voleibol e futebol, coletes, bastões, jogo de bocha, tecido TNT, elástico, colchão, cones, canetinha colorida e papel |
| Orientações Curriculares SEDU/ES – 2025 – Habilidades | EF67EF03-06/ES, EF67EF06, EF67EF07, EF67EF03-07/ES, EF89EF05, EF89EF06, EF35EF06, EF35EF01-05/ES |
| Objetivos específicos: | |
| Futebol/futsal | |
| <ul style="list-style-type: none">- Experimentar e vivenciar o futebol/futsal dentro de vários contextos sociais dos alunos e seus desafios técnico e tático.- Analisar e refletir sobre as diferentes manifestações da prática do futebol/futsal na comunidade como forma de lazer, competição e rendimento, relacionando-os com a mídia e o racismo- Criar estratégias para superar os obstáculos à prática do futebol/futsal e propondo a inclusão e participação de todos. | |
| Voleibol | |
| <ul style="list-style-type: none">- Experimentar e vivenciar o voleibol dentro de vários contextos sociais dos alunos e seus desafios técnico e tático.- Analisar e refletir sobre as diferentes manifestações da prática do voleibol na comunidade como forma de lazer, competição e rendimento, relacionando-os com a mídia e as questões de gênero.- Vivenciar diferentes versões do jogo de voleibol e explorar situações de aprendizagem como jogador, árbitro e técnico, valorizando o diálogo, a participação e a alteridade. | |
| Atletismo | |
| <ul style="list-style-type: none">- Experimentar e vivenciar a corrida e salto em altura dentro de vários contextos sociais dos alunos e seus desafios técnico e tático, por meio de atividade lúdicas e criativas- Analisar e praticar o atletismo na comunidade como forma de inclusão e participação, do ponto de vista econômico e social. | |
| Jogos e brincadeiras da comunidade | |
| <ul style="list-style-type: none">- Experimentar e fruir de jogos típicos da comunidade (bocha, moretina e brincadeiras tradicionais) e seus desafios técnico e tático, por meio de atividades lúdicas e criativas.- Analisar os jogos e brincadeiras da cultura local e seus desafios para a inclusão e participação dentro de uma comunidade multirracial- Criar e organizar espaços para a participação e o protagonismo da comunidade local para a construção da identidade e do sentimento de pertencimento. | |

Unidade Didática I



Sequência de atividades:

- 1- Roda de conversa - as etapas da sequência didática. Registro escrito dos alunos sobre as expectativas para o final da etapa.
- 2- Futebol como esporte de competição e auto rendimento – bate papo com jogadores do Rio Branco de VNI.
- 3- Jogo de futsal masculino e feminino
- 4- Jogo de Futebol generificado
- 5- Jogo de Futpar
- 6- Jogo de voleibol meninos x meninas
- 7- Jogo de Quiquivôlei
- 8- Jogo de Câmbio
- 9- História do atletismo no município – roda de conversa com a ex-professora de EF da escola.
- 10- Corrida de velocidade, resistência e revezamento.
- 11- Corrida de rua por equipes
- 12- Salto em altura por equipes
- 13- Roda de conversa – momento de reavaliar o processo.
- 14- Jogo de bocha na escola em terreno irregular (Jardim da escola)
- 15- Jogo de bocha no campo oficial (Centro de Eventos)
- 16- Jogo de moretina e joquempô – adaptações e semelhanças
- 17- Brincadeiras tradicionais – sala de aula invertida.
- 18- Avaliação – retorno dos registros iniciais e escrita dos alunos sobre o aprendizado adquirido.

| | |
|-------------------------------|--|
| Metodologia | Rodas de conversa, aprendizagem entre pares e times, aula dialogada, sala de aula invertida, debates, resolução de problemas, atividade experimentais. |
| Avaliação: | Participação nas atividades práticas e rodas de conversas, registro escrito dos alunos e anotações do diário de bordo. |
| Projeto de Culminância | Convite aos pais para participar de um momento de vivência com os alunos de um jogo escolhido por eles no dia do Encontro de Pais e Filhos. |

Referências:

Sites:

Currículo SEDU/ES

https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Curriculo_ES_Linguagens.pdf

Futebol generificado: https://www.youtube.com/watch?v=UHi6yq_Ak4I

Jogo de câmbio: <https://www.youtube.com/watch?v=ABCVK4cGEUc>

Unidade Didática II



UNIDADE DIDÁTICA II – ENSINO FUNDAMENTAL II

TÍTULO: Práticas corporais dos povos indígenas

Série: 6º e 7º anos

Eixo temático: As práticas corporais dos povos indígenas, suas origens e significados culturais e sociais na constituição do povo brasileiro e da comunidade escolar.

Objetivo geral: Vivenciar e praticar os jogos da cultura dos povos indígenas, reconhecendo-os como parte da formação da cultura do país e valorizando o seu legado na construção da identidade brasileira.

Número de aulas: 18 aulas de 50min.

Conteúdos específicos: Peteca, arco e flecha, corrida do tronco, jogos e brincadeiras da matriz indígena e cabo de guerra

Materiais e recursos didáticos Datashow, notebook, bola de medicinebol, coletes, cordas, elástico, bambolê, papelão, cola, palito grande, cones, canetinha colorida e papel

Orientações Curriculares SEDU/ES – 2025 - Habilidades EF35EF01-05/ES, EF35EF04, EF67EF03-06/ES, EF67EF06, EF67EF07, EF89EF01/ES, EF89EF05, EF89EF06

Objetivos específicos:

Arco e flecha

- Experimentar e vivenciar o arco e flecha dentro do contexto dos povos indígenas e seus desafios técnico e tático.
- Exercitar a prática do tiro com arco e flecha como superação de limites, concentração e envolvimento com o ambiente.
- Criar estratégias superar a falta de material propondo o trabalho em grupo de forma lúdica e criativa.

Peteca

- Experimentar e vivenciar o jogo de peteca dentro de vários contextos sociais dos alunos e seus desafios técnico e tático.
- Analisar e refletir sobre as diferentes manifestações da prática da peteca na comunidade como forma de lazer, relacionando-os com a cultura indígena.
- Vivenciar diferentes versões do jogo de peteca e explorar situações de aprendizagem como jogador, árbitro e técnico, valorizando o diálogo, a participação e a alteridade.

Corrida do tronco

- Experimentar e vivenciar a corrida do tronco dentro do contexto dos povos indígenas e seus desafios técnico e tático, por meio de atividades lúdicas e criativas.
- Analisar e refletir sobre a corrida do tronco como forma de inclusão, superação e participação, do ponto de sociocultural.

Jogos e brincadeiras da cultura indígena

- Experimentar e fruir de jogos dos povos indígenas e seus desafios técnico e tático, por meio de atividades lúdicas e criativas.
- Analisar os jogos e brincadeiras da cultura indígena e seus desafios para a inclusão e participação dentro de uma comunidade multirracial
- Criar e organizar espaços para a participação e o protagonismo da comunidade local para a construção da identidade e do sentimento de pertencimento.

Unidade Didática II



Sequência de atividades:

- 1- Roda de conversa - as etapas da sequência didática. Registro escrito dos alunos sobre as expectativas para o final da etapa.
- 2- História do arco e flecha como esporte. Construção artesanal – vídeo aula
- 3- Segurança e demonstração prática – orientação e técnica para o manejo
- 4- Prática do arco e flecha em duplas – orientação assistida e regras de segurança
- 5- Tiro ao alvo com sistema de pontuação por equipes.
- 6- História da presença dos indígenas no município – roda de conversa com a professora de História da escola.
- 7- História da Corrida do Tronco – divisão da turma em equipes e duplas
- 8- Prática da Corrida do Tronco com bola de medicinebol.
- 9- Roda de conversa – momento de reavaliar o processo.
- 10- História da peteca como esporte lúdico e escolar. Construção artesanal
- 11- Jogo de peteca em duplas – exercício e técnicas de rebater
- 12- Jogo de peteca em roda – Alinha de peteca
- 13- Jogo de peteca no campo de minivoleibol – jogo de 3 pontos
- 14- Jogo de peteca no campo de voleibol – jogo em grandes grupos.
- 15- Jogo de Cabo de guerra – variações (frente, costas, sentado, 4 equipes)
- 16- Jogos e piques – Onça e a galinha, Tucunaré e Corrida do Saci
- 17- Jogo de Tobdaé em duplas e time.
- 18- Avaliação – retorno dos registros e desenho das atividades desenvolvidas

| | |
|--------------------|---|
| Metodologia | Rodas de conversa, aprendizagem entre pares e times, aula dialogada, debates, resolução de problemas, vídeo aulas, atividade experimentais e jogos lúdicos. |
|--------------------|---|

| | |
|-------------------|---|
| Avaliação: | Participação nas atividades práticas e rodas de conversas, registro escrito e análise dos desenhos dos alunos e anotações do diário de bordo. |
|-------------------|---|

| | |
|-------------------------------|---|
| Projeto de Culminância | Feira e Mostra Cultura da Escola: demonstração e experimentação dos jogos indígenas na quadra da escola |
|-------------------------------|---|

Referências:

Sites:

Currículo SEDU/ES

https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Curriculo_ES_Linguagens.pdf

Cabo de guerra: <https://www.youtube.com/watch?v=UwNGU3S1C9A>

Brincadeira indígenas: <https://lunetas.com.br/brincadeiras-indigenas-para-conhecer-e-curtir-com-as-criancas/>

Tobdaé: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/vamos-brincar-de-manga-tobdae/

Unidade Didática III



UNIDADE DIDÁTICA III – ENSINO FUNDAMENTAL II

TÍTULO: Práticas corporais da etnia negra

Série: 6º e 7º anos

Eixo temático: As práticas corporais da cultura afrobrasileira e africana, suas origens e significados culturais e sociais na constituição da comunidade escolar, os desafios relacionados ao racismo, a discriminação, os silenciamentos e a invisibilidade do povo negro na construção da identidade local e o sentimento de pertencimento.

Objetivo geral: Vivenciar, conhecer e fruir práticas corporais da cultura afrobrasileira e africana, reconhecendo-os como parte da formação da cultura do país e valorizando o seu legado na construção da identidade brasileira e local.

Número de aulas: 19 aulas de 50min.

Conteúdos específicos: Capoeira, maculelê, danças e ritmos africanos, jogos e brincadeiras de origem afrobrasileira e africana.

Materiais e recursos didáticos Datashow, notebook, papel, canetinha colorida, berimbau, pandeiro, atabaque, aparelho de som, bastões, bambu e fitas adesivas.

Orientações Curriculares SEDU/ES – 2025 - Habilidades EF35EF13/ES, EF35EF14/ES, EF35EF15, EF67EF14, EF67EF15, EF67EF16, EF67EF17, EF35EF01-04/ES, EF35EF02-04/ES, EF35EF03, EF34EF04

Objetivos específicos:

Capoeira

- Conhecer e refletir sobre a história da capoeira como prática corporal do povo negro e de sua resistência na luta contra a invisibilidade histórica.
- Experimentar e vivenciar a capoeira dentro do contexto da cultura afrobrasileira e local com seus desafios técnico e tático como luta, dança e jogo.
- Conhecer e aprender o ritmo e as canções das rodas de capoeira, aplicando durante as vivências nas rodas de capoeira.

Maculelê

- Conhecer, refletir e entender a origem histórica do Maculelê e reconhecer sua importância histórica no contexto cultural brasileiro.
- Experimentar e vivenciar a prática do maculelê no contexto local e seus desafios corporais no aprendizado de passos básico, ritmos e cantos.
- Participar e criar movimentos em rodas e grupos do maculelê, respeitando o ritmo e as habilidade dos participantes.

Jogos e brincadeiras da cultura afrobrasileira e africana Escravos de Jó e Amarelinha Africana

- Experimentar e conhecer os jogos de origem afrobrasileira e africana e seus desafios técnico, de ritmo e coordenação motora, por meio de atividades lúdicas e criativas.
- Refletir sobre os jogos e brincadeiras da etnia negra e seus desafios para a inclusão e participação dentro de uma comunidade multirracial local.
- Criar e organizar espaços de cooperação e trabalho em equipe para a participação e o protagonismo da comunidade local valorizando a prática corporal da cultura afrobrasileira e africana.

Unidade Didática III



Sequencia de atividades:

- 1- Roda de conversa - as etapas da sequência didática. Registro escrito dos alunos sobre as expectativas para o final da etapa.
- 2- História dos negros no município – bate papo sobre a história de vida da diretora da escola.
- 3- Ritmo e brincadeira com Escravos de Jó – prática em rodas
- 4- Ritmo e brincadeira com Escravos de Jó – prática com bambus
- 5- Ritmo e brincadeira com Amarelinha Africana – prática em pequenos grupos
- 6- Origem e significados históricos do Maculelê, ritmo e movimentos básicos – vídeo aulas.
- 7- Prática individual do Maculelê com bastões
- 8- Prática em duplas do Maculelê com bastões
- 9- Prática em quartetos do Maculelê com bastões
- 10- Roda de Maculelê com a turma
- 11- Roda de conversa – momento de reavaliar o processo.
- 12- História da capoeira, ritmo, regras, instrumentos e movimentos básicos – vídeo aulas.
- 13- Oficina de capoeira com mestre convidado – ritmo e movimentos básicos.
- 14- Jogos de oposição – pequenos grupos
- 15- Prática da capoeira em pequenos grupos – movimentos básicos, ginga e golpes
- 16- Prática da capoeira em pequenos grupos – ensinando para os colegas
- 17- Prática da capoeira em roda com a turma – jogo e dança
- 18- Avaliação da turma – roda de conversa e apresentação das fotos da turma feita durante as aulas de educação física.
- 19- Elaboração, organização do projeto de culminância – divisão das práticas

| | |
|-------------------------------|---|
| Metodologia | Rodas de conversa, aprendizagem entre pares e times, aula dialogada, debates, resolução de problemas, atividade experimentais, jogos em grupos e vídeo aulas. |
| Avaliação: | Participação nas atividades práticas e rodas de conversas, participação nos projetos de culminância, registro escrito dos alunos e anotações do diário de bordo. |
| Projeto de Culminância | Roda de Capoeira e Maculelê no Dia da Consciência Negra – oficina com mestre convidado. Encontro das Etnias – divisão da turma em três grupos para a apresentação em forma de oficinas |

Referências:

Currículo SEDU/ES

https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Curriculo_ES_Linguagens.pdf

Capoeira:

<https://www.youtube.com/watch?v=5cqq306p9gU&list=PLUnh4E9OXHRKYdoCpZP9xdTKB7VHopRQg>

Maculelê:

https://www.youtube.com/watch?v=YoN_pOtxqZg

Escravos de Jó:

<https://www.youtube.com/watch?v=unrXzZJd3HM>

Considerações Finais



Durante o meu percurso enquanto aluno do PROEF, pude refletir e me reavaliar como professor de Educação Física em uma instituição pública de ensino. As experiências vividas e as práticas educacionais durante a pesquisa, minhas interações com os grupos focais e suas contribuições para a área da EFE, me trouxeram momentos enriquecedores e novos conhecimentos para a minha formação acadêmica e profissional. Os resultados deste trabalho e as ações tomadas dentro do ambiente escolar, numa proposta de interação com a comunidade escolar tomaram forma em proposições e apontamentos para mudanças da realidade educacional.

A relação escola comunidade e as produções de conhecimentos e intervenções pedagógicas na forma como o planejamento é constituído no espaço escolar fazem parte de suas produções de conhecimentos integrantes de uma instituição de ensino inserida numa contexto social específico. Tais produções perpassam as relações étnico-raciais e de perspectivas de novas construções de sujeitos e identidades que advém da interação entre negros, indígenas e os imigrantes presentes na comunidade. O reconhecimento de que a comunidade local não é só formada por imigrantes, mas constituída de um povo multirracial vem ao encontro de ressignificar a ancestralidade de um grupo que foi silenciado e esquecido ao longo dos tempos.

Espero ter contribuído para outros profissionais e para as aulas de educação física caminhos para a formação da identidade e do pertencimento entre alunos, professores, gestores e pais com o intuito de superar obstáculos e enfrentar desafios na área das relações étnicorraciais e das práticas corporais abordadas durante as aulas e no espaço escolar. As mudanças devem se iniciar a partir de ações e planejamentos que envolvam a equipe escolar em consonância com reflexões na seleção de conteúdos para as práticas pedagógicas.

Nas palavras de Silva (2020), a educação física escolar caminha para dar significado e sentido próprio para o sujeito ler o mundo ao seu redor, absorver e tomar para si o corpo no mundo como forma de saberes para se tornar sujeito histórico.

Dessa forma, finalizo aqui esta trajetória de estudo para caminhar para desafios futuros. Acreditamos que a pesquisa não se encerra em si mesma, mas se coloca como ponto de partida para a continuidade de novas investigações com o compromisso ético, pedagógico e político no intuito de se aproximar de uma mudança na educação e da educação física na nossa comunidade local e do nosso país.

Referências



BRACHT, V., A constituição das teorias pedagógicas da educação física. Cad. Cedes, CEFD/UFES, ago. 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s/?format=html#>> Acesso em 08/08/2023.

BRASIL. Lei 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília: DF: Presidente da República, 2010. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm> Acesso em 23/02/2025.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. Movimento. Ano 2, n. 2, jun. 1995. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19309/000242837.pdf>> Acesso em: 10/01/2025.

DEMO, Pedro; SILVA, Renan Antônio da. Protagonismo estudantil. Org & Demo, v. 21, n. 1, p. 71-92, 2020. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/orgdemo/article/view/10685>> Acesso em 13/01/2025.

ESPÍRITO SANTO, Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais no Espírito Santo. Gerência de Educação do Campo Indígena e Quilombola da Secretaria de Estado da Educação. Vitória, ES, 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, Coleção Leitura. 25 ed., 1996. Disponível em: < <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>> Acesso em 29/07/2025.

GOMES, N. L. Educação e identidade negra. Aletria: revista de estudos de literatura. V. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>> Acesso em 31/07/2025.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Paidéia, 12(24), p.149-161, 2003. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 03/03/2025.

MIRANDA, E. O. Corpo-território & Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Edufba, Salvador, BA, 2020. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375>> Acesso em 24/02/2025.

ROSSONI, Sirlei. Relações interétnicas: interação e tensões entre identidade e alteridade cultural. Revista de Ciências Humanas, v.3, n.3 (2002). Disponível em < <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/219/399>> Acesso em 08/07/2023.

SILVA, E. C.; MOREIRA, E. C. Planejando o trabalho docente. Desafios da Educação Física Escolar: temática da Formação em serviços no ProEF - Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Disciplina Escola, Educação Física e Planejamento. 2018. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d3/Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20-%20planejando%20o%20trabalho%20docente.pdf>> Acesso em 05/08/2023.

SILVA, M. C. de Paula. Do corpo objeto ao corpo histórico. Perspectivas do corpo na história da Educação brasileira. 2ª edição. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2020.

VAGO, Tarcísio Mauro, Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. Caderno de Formação RBCE, v.1, n.1, p. 25-42, set. 2009. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930>> Acesso em 11/11/2023.